O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Minerva Central
Rua Tenente Rezende, 12-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Realidade financeira

—o—

A discussão da *Lei de Meios* deu lugar a que, na Assembleia Nacional, se proferissem notáveis discursos, alguns dêles de grande interêsse político — de política construtiva e não da velha política partidária que foi o maior escalracho da demagogia.

Entre os discursos pronunciados há que fazer alusões especiais, sem melindre para os outros deputados que intervieram no debate, à oração parlamentar do antigo Sub-Secretário de Estado das Finanças, sr. dr. Aguedo de Oliveira, relator da Comissão que estudou o diploma apresentado pelo Govêrno e no qual se propõe a autorização das receitas e despezas para o ano de 1939.

Dêsse discurso—quási estávamos tentados a escrever *dessa lição*—devemos chamar a atenção dos leitores para estas palavras que, em vista do panorama exterior da política financeira de certos govêrnos, são de uma maior actualidade:

«Os marxistas das finanças—por paradoxal que pareça também os tem havido—inventaram que no mundo financeiro oficial tudo era ilusão e mentira. Os políticos queriam apenas enganar as massas para melhor se servirem delas. E esta teoria encontrou nas cátedras e nos homens, que estudam sèriamente êstes problemas, uma certa receptividade. Tudo era, pois, ilusão financeira e a ilusão financeira servia para enganar tudo e para enganar todos!

Tomou-se isto ao pé da letra e tivemos neste País, como em muitos outros Países, a chamada política de ilusões perigosas. Hoje, a atitude é bem outra. Salazar, desde a primeira hora em que tomou conta do Ministério das Finanças, defendeu atitude contrária. E disse: **«Nas Finanças tudo tem de ser verdade e só verdade!»**

Isto quere dizer que à mentira financeira o Estado Novo opõe a realidade financeira; ao caos, com períodos de mentirosa euforia, dá o sr. Ministro das Finanças, em troca, uma ordem sistemática, metódica, progressiva—sem saltos perigosos, nem promessas enganadoras.

Salientou o mesmo deputado que, «do lado das receitas», há «um esfôrço sério, no sentido de procurar uma melhor justiça fiscal». Isto sem movimentos bruscos, que podem conquistar popularidade fugaz, mas não dão vida real perfeita. «Do lado das despezas» há uma política firme, tanto no ponto de vista económico e social, como naquilo, que pode chamar-se uma política de largas vistas e largo prazo».

As finanças de uma Nação não se rebustecem sem que haja condições morais capazes; por isso, à realidade financeira corresponde, em Portugal, uma política moralizadora que prepara o dia de àmanhã, que dá ao povo os elementos precisos para que o País possa defender-se dos ataques dos inimigos e faça frente aos reflexos da crise que avassala o Mundo—por culpa dos *marxistas das finanças* que ainda não desapareceram de todo e andam todos os dias a apresentar *planos* —semelhantes aos elixires dos pantomimeiros de praça pública.

A *verdade de Salazar*, a que aludiu o sr. dr. Aguedo de Oliveira, tem tanto mais valor quanto é certo que essa doutrina constitue, pelos resultados obtidos, uma *fôrça* que os mais representativos estadistas estranjeiros reconhecem e procuram imitar. Alguns dêles, porém, esquecem-se de preparar o *clima* propício e julgam que as normas financeiras do Ministro português podem dar frutos identicos aos que nós temos, num regime sem autoridade e sem crédito moral.

«Portugal não é uma colónia financeira de Alguém!—proclamou-se na Assembleia Nacional. Este é, de resto, o segrêdo da nossa vitória, da vitória de Salazar.

M. da S.

Efemérides

28 de Janeiro

1906—Inaugura-se em Coimbra o Centro Académico Republicano, tendo sido recebidos, na véspera, com entusiásticas manifestações, vários caudilhos que fôram assistir.

1908—São presos em Lisboa, quando se encontravam no elevador da Biblioteca, o dr. Afonso Costa, o Visconde da Ribeira Brava, o dr. Egas Moniz e o tenente Alvaro Pope, arguidos de conspiradores.

1924—Morre o dr. Teófilo Braga, que presidiu ao govêrno provisório da Rèpública, da qual foi um dos seus mais cultos propagandistas.

Plantação de árvores

—x—

Pela Direcção de Estradas está a proceder-se a esse serviço, que já vai adeantado nas que conduzem ao sul.

Acertada medida. Porque o arvoredo frondoso nas estradas, sim—tem toda a razão de ser em virtude da sua utilidade.

Imprensa da província

Transcrevemos:

Dêsde que a Imprensa, apanhada nos rodísios da industrialisação capitalista, se transformou no negócio que sabemos, a doutrina, a arte e a independencia desertaram (com rarissimas excepções) dos grandes rotativos para as modestas páginas dêsses pobres semanários que hoje representam, em toda a parte, a pulsação e a vida das nações.

Portugal, dizemo-lo com infinita satisfação, dispõe, por essas províncias fóra, duma nobre e gloriosa imprensa hebdomadária, onde luzem as penas mais brilhantes do jornalismo contemporâneo a par dos mais belos carácteres de portugueses de raça que, ao contacto com as realidades vivas da Nação e libertos de toda a espécie de compromissos tolhedores, realisam uma obra jornalística e patriótica simplesmente admirável.

E quem não ler os jornais da província, nem sabe o que o País pensa nem sabe o que o País quere.

Que lindas palavras!

Mas não se passa disso, talvez com receio de ferirem susceptibilidades...

Porque as regalias, essas, vão tôdas para os outros...

BELO!

Conta o *padre veneno* numa das suas crónicas desta semana, que um cavalheiro da Foz do Douro teve necessidade de apresentar certa reclamação ao chefe da Esquadra e não só foi prontamente atendido como ficou encantado com a maneira delicadissima como êsse senhor o atendeu.

Quando não são brazonados é assim...

Edifícios públicos

As fachadas do govêrno civil, dos quarteis de cavalaria e infantaria e ainda a do Distrito de Recrutamento e Reserva estão que é uma vergonha por falta de limpesa e reparação.

A's autoridades competentes lembramos a conveniência de lhes darem outro aspecto.

Política francesa

Tumultos na Câmara dos Deputados

Há dias, um antigo ministro do Ar, falando no Parlamento, onde tem assento, alargou-se em considerações àcêrca das conseqüencias para a França das instalações dos italianos nas Baleares e na costa espanhola. Freqüentemente interrompido, porém, o orador, que é comunista, exasperou-se e gritou:

—Estou a registar certas interrupções. Vejo que a propaganda alemã ainda é poderosa!

Nesta altura rebenta um formidável tumulto. Da direita exclama-se:

—Mente! Mente! Ao Alto Tribunal!

O presidente da Câmara pede explicações e agita a campaínha. Como não seja obedecido suspende a sessão.

Os comunistas aplaudem, de pé, o seu correligionário, que desce da tribuna. Vinte cinco minutos depois a sessão volta a abrir-se. Mas logo da direita se grita à extrema esquerda:

—Vendidos a Mocovo!

Outras frases em tom berrante:

—Quando tratamos os comunistas agentes de Staline só repetimos o que êles próprios dizem. Mas quando os correligionários dizem que nos nossos bancos há propaganda alemã, injuriam-nos!

Das bancadas em côro:

—Agentes de Moscovo! Vendidos!

Então, um comunista enfurece-se e salta para o hemiciclo. Outro, pertencente às direitas, faz o mesmo. Os continuos metem-se de permeio. A algazarra é ensurdecedora e aquilo tudo só não redunda em cêna violenta de pancadaria por o presidente, enèrgicamente, ter imposto a sua autoridade.

O' Chico: para onde vai a França?...

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Livros, Opúsculos e Revistas

Pelo Dr. Alberto Souto

Curiosidades de Guimarãis

(Por Alberto V. Braga)

Teatro Vimaranense

O volume que tirei à sorte para hoje referenciar, é o n.º 5 da série *Curiosidades de Guimarãis*, do fecundo, paciente e erudito investigador sr. Alberto Vieira Braga, que na culta cidade do Minho, bêrço da nacionalidade, está produzindo uma obra de feição muito pessoal e deveras valiosa.

Decerto que a obra do sr. Alberto Vieira Braga não tem, nem pretende ter, a profundêsa dos trabalhos de Martins Sarmento ou de Alberto Sampaio. Mas nem só os estudos dos arqueólogos e historiadores dessa categoria merecem consideração.

Em esfera mais modesta e mais circunscrita aos assuntos locais, o sr. Alberto Vieira Braga anda a escavar com grande felicidade nos arquivos e tradições da sua terra, recolhendo materiais que a sua pena dextra utiliza numa construção original, digna dos maiores encómios.

O 1.º volume desta sua colecção tratou das *Tradições* e *Usanças Populares*.

Vieram depois os volumes sôbre *Mulheres, jôgo, festas e luxo; S. Gonçalo—culto e lenda das bandas do seu bêrço, Maltas de Salteadores; Montarias; Culto da alfadega e dos cravos: no amor e na crença; Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal; Maninhos; O culto de S. Gonçalo na Baia; As vozes dos Sinos na interpretação popular* e *A indústria sineira em Guimarãis* e agora *Teatro Vimaranense*.

Esta publicação, que o autor classifica de singelas notas, por excesso de modestia, teve em vista comemorar o IV centenário da representação da última peça de Gil Vicente, criador do Teatro Português e vimaranense glorioso.

Simpática foi a ideia do distinto escritor e bem digna do centenário que quiz comemorar, porque o estudo sôbre o *Teatro Vimaranense* é, nas suas 70 páginas, um trabalho que consegue interessar sobremaneira os próprios estranhos a Guimarãis.

Quando do centenário de Camilo pensei eu celebrá-lo em Aveiro, aproveitando as aptidões cénicas e artísticas do nosso povo, levando ao teatro o episódio dramático do *Olho de Vidro*, que se passa nesta cidade, episódio que devia ser musicado pelo dr. Vasco Rocha, compositor, regente de banda e chefe de orquestra.

O dr. Vasco Rocha—pobre Vasco Rocha!—que era um maestro de invulgares aptidões, de inspiração e de saber—morreu sem dar unidade às composições fragmentárias que destinara ao drama musical em um acto, cujo libreto lhe forneci. E tudo ficou em nada, ou melhor, tudo ficou naquelas *águas de bacalhau* que diluem as nossas melhores iniciativas.

Foi bem mais feliz, a propsóito do centenario de Gil Vicente, na sua orientação e concepção, o sr. Alberto Vieira Braga, porque pensou acertadamente e realizou distintamente.

Daqui, com sincero júbilo, o felicito.

* * *

O autor fala-nos das *representações nos sobrados públicos*, dos séculos XVI, XVII e XVIII, lançando uma vista retrospectiva sôbre os primordios do teatro popular. É digno da melhor atenção êste capitulo do *Teatro Vimaranense*:

«Por tôda a parte, em tôdas as igrejas e adros, em muitas feiras e arraiais, em muitos conventos e recolhimentos se representaram, cantaram e bailaram autos e loas, vilhancicos e entremezes, óperas e comédias.»

Mas «*o povo, levado ao exagero... foi nuns alaridos de graça bulhente de Carnaval, popularisando demasiado as suas representações...*»

«*E por isso, e talvez por mais, tôdas as constituições do Episcopado português, principiaram a banir da liturgia das representações populares nas igrejas*» diz o autor que se apoia ainda nêste trecho de Teófilo Braga:

«Apesar de tôdas as transformações do gôsto literário, a velha forma do auto hierálico, conservou-se desde o século XVI até hoje na simpatia do povo, vindo por uma consciente regressão às fontes tradicionais a reaparecer na época do romantismo como expressão nacional da literatura.»

Assim se explica a razão de terem sido constantemente representadas, e em todos os tempos, até final do século XIX, pelo Minho e nas aldeias de Trás-os-Montes, os diversos Autos de enredos e passos mais ou menos cristãos, nos dias das grandes festas e das animadas romarias, prossegue o autor, que filia na vulgarização dessas exibições os grupos cénicos que «*bastos se criaram e que fôram morrendo, uns à míngua de recursos, outros à bôca das gargalhadas e chufas dos assistentes*», mas dos quais um sobrevive ainda, verdadeiro modelo, «*verdadeiro reflexo do transcurso brilhante dos personagens e figurantes das representações de antigas eras—o* Grupo dos Reiseiros da Maia!»

Relata-nos depois o sr. Alberto Vieira Braga o que se passava e passou com as representações profanas metidas no programa das festas religiosas e com algumas jornadas teatrais nos festejos comemorativos de grandes acontecimentos locais ou nacionais.

Em 1585, por exemplo, pelas festas em honra de N. Senhora da Oliveira, dizem os documentos, havia dois palanques para a Câmara e Irmandade assistirem às comédias e às touradas.

Em 1708, pela visita da Raínha, houve procissão, comédias, touros e encamisadas, por sinal que a jorna do *carpinteiro que fèz o palanque das comédias para os Ministros e Câmara*, importou em 150 reis!

Pelos meados do sêculo XVIII, punha-se em arrematação o compromisso de levar à cêna duas ou três comédias.

Entre essas figuram os *Encantos de Medela*, do desditoso António José da Silva, o Judeu, que veio a ser queimado pela Inquisição, bem como a ópera a que chamavam *Alecrim e Mangerona* e que era nem mais nem menos que a peça do mesmo autor *Guerras do Alecrim* e da *Mangerona*.

As companhias espanholas ambulantes, de saltimbancos, representando peças de capa e espada e comédias de gosto popular, aparecem nos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII.

Depois são os estudantes, que formam os primeiros grupos de representação nos palcos dos barracões e teatros cobertos. Vai-se generalisando e aristocratizando, até, o gosto cénico e passa a haver *teatros* nas casas e festas fidalgas.

O gosto dramático era o que mais apetecia e o que mais se ligava com o romantismo deliquioso das meninas aristocratas.

Muito curiosa é a descrição das festas dos realistas de Guimarães em Agosto de 1828, por se ter firmado no rono o senhor D. Miguel, o rei da forca e do cacete, depois do desastre da tentativa liberal iniciada em Aveiro com a revolução de 16 de Maio, que tantos martires forneceu ao carrasco:

«Ordenou-se uma pomposa função na igreja do Senhor dos Passos. Em frente colocou-se uma grande iluminação, representando um magnifico palacio com nove porticos, e sobre a cornija um

Arriba, Espanha!

As tropas nacionalistas de Franco, tendo entrado na quinta-feira em Barcelona, capital da Catalunha, fizeram vibrar de entusiasmo todos quantos acompanham o generalíssimo no seu esfôrço para libertar a nação do escalracho comunista.

Formidável arrancada!

Eloqùente lição para aqueles que supunham enfraquecida a falange dos revoltosos!

Música no Jardim

=o=

A Banda Regimental executa àmanhã, das 14,30 ás 16,30 h., o seguinte programa:

I PARTE

Gaspar Ferreira.......	P. D.—P. Santos
Guilherme Tell.......	Sinf.—Rossini
Bolero.............	Ravel
Tanhauser...........	Ópera—Wagner

II PARTE

La Feria...........	Zarzuela—Chapi
Danse de Petit Poujée...	Marteus
O Arcada...........	P. D.—P. Santos

Falta de espaço

Por este motivo deixamos de publicar esta semana alguns originais, que não perdem a oportunidade, bem como a secção—*Trincheira dum crente*—do nosso colaborador J. Carreira.

Irão no próximo número.

Além túmulo

Alfredo César de Brito

Seria ingratidão nossa deixar passar o aniversário da sua morte sem uma referência àquele que tanto trabalhou a nosso lado, prestando ao *Democrata* serviços inesquecíveis.

Por isso aqui ficam, como lembrança, estas linhas, e perante o coval do amigo nos curvamos com saüdade.

Êste número foi visado pela Censura

Fruta do tempo

=o=

Ha este ano muita laranja e tangerinas. Os pomares carregam; os mercados abarrotam.

Assim é bom. Para que não sejam só os ricos os consumidores de tão deliciosos frutos.

Quem acóde?

Com as últimas chuvas algumas estradas que conduzem a logares circunvisinhos, como Fôrca, Preza, Vilar e Quinta do Gato ficaram intranzitaveis, sendo de absoluta necessidade a sua reparação.

Aqui fica a lembrança.

Administrador Apostólico

=o=

Prosseguindo nas suas visitas, que iniciou pela Câmara Municipal, o sr. D. João de Lima Vidal esteve tambem no Liceu, onde fez os preparatorios e o seu reitor, acompanhado do corpo docente, o receberam com as honras devidas ao alto cargo que desempenha nesta cidade, e ultimamente no Dispensário Anti-Tuberculoso, cujas dependências percorreu mostrando-se interessado pelo seu funcionamento.

Aqui foi o sr. Arcebispo de Ossirinco recebido pelas sr.as D.as Bebiana Barreto, Leonor Cruz, Helena Ribeiro Madeira, Guiomar Ferreira Neves e Mariana Azevedo Sachetti, da Comissão da A. N. T. e pelos representantes da comissão delegada, os srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, 1.º tenente da Armada, Jacinto Monteiro Rebocho e dr. Adérito Madeira, director do Dispensário, que agradeceu ao sr. D. João a penhorante visita.

Em homenagem a S. Ex.a Rev.ma fôram distribuidos 550$00 por 25 doentes dos mais necessitados, inscritos no Dispensário, agradecendo o prelado, no momento de retirar, a recepção que lhe fôra feita.

Estudantes de Coímbra

Chega logo a Tuna Académica da Universidade. Vem com ela o espírito da gente môça e a alegria que Aveiro anseia para viver algumas horas felizes e apreciar os progressos da sua arte durante o sarau que realiza no Teatro onde, decerto, alcançará novos louros.

Os universitários serão aguardados pela nossa academia, que os irá esperar à entrada da cidade, e pelas sr.as D. Maria Emília Rodrigues da Cruz, que, como madrinha da Tuna, oferecerá uma fita de seda para o estandarte, D. Maria José Mourão Gamelas, D. Maria Emília da Cruz Martins, D. Arlete Morais e D. Maria Ermelinda de Melo Picado, organizadoras do baile no Club Mário Duarte.

Escusado será dizer que Aveiro rejubila com a presença dos estudantes de Coímbra e por êsse facto aqui os saudamos, mas com frases empoladas, mais ou menos escolhidas, mas com a sinceridade que é apanágio da gente da beira-mar, sempre solícita em prestar à *briosa* as homenagens que merece.

Bem vinda, pois, a Tuna Académica de Coímbra!

Congressistas...

Já reüniram êste mês duas vezes: a primeira em dia de Santo Hilário, cá na cidade; a segunda, faz hoje oito dias, na séde. Como sempre, foram observadas tôdas as praxes estabelecidas, não faltando no decorrer de ambas as reüniões os ditos de espírito, que são a base da alegria entre a família do Congresso...

Quatro dos mais sacrificados *congressistas*, pela generosidade de que têm dado provas, acabam de conquistar o título de *tios honorários*, estando agora a preparar-se uma homenagem condigna para a entrega do diploma...

Depois... há-de ser o que Deus quizer...

varandim, no meio do qual estava um painel, contendo a figura da Providencia numa nuvem, olhando para o retrato de S. M. o sr. D. Miguel I, rodeado de imensos Génios: um oferecendo-lhe a coroa, outro o ceptro e os mais com festões de matizadas flores e verdes louros.

O retrato sustentava Portugal numa mão e com a outra lançava raios sobre os inimigos do trono, que em desesperação jaziam por terra; ao lado direito estava a Fé, apontando para El-Rei, como para seu defensor, e em torno o amor da Patria, Segurança, Liberalidade, Confiança, Justiça com vários emblemas e quadras alegóricas».

Devia ser uma cena mirabolante, uma coisa de deixar estarrecidos mais de setecentos mil demónios, calculo eu...

Foi lá o general da Provincia, deitou-se um fogo de artificio representando o Rei com seus archeiros, que deu lugar a grandes aclamações, e recitaram-se sonetos de elogio *ao melhor dos Reis*, na linguagem de um periódico da época, reproduzida com todo o seu sabor pelo sr. Alberto Vieira Braga.

Tão interessante é esta parte do livro do distinto escritor vimaranense, que não resisto á tentação de insistir no extrato do descritivo da festança, que meteu *Te-Deum*, missas solenes, sermões, etc.

Em 28 de Setembro, houve *uma procissão bem ordenada com figuras do maior asseio, acompanhada por tadas as confrarias da freguesia de S. Miguel de Creixomil e um decente baile de numerosas figuras, dançando e tocando diante do Senhor à imitação de David, e vários anjos lançando flôres, na qual fazia as vezes de Juiz o coronel de milícias, acompanhado pelo destacamento!*

Mas, então, pelos anos do Senhor D. Miguel, segundo contou o *Correio do Porto*, de 11 de Setembro de 1828, é que os realistas e apostólicos de Guimarãis fizeram um festejo de arromba!

Esse meteu teatro, mas já teatro em forma. E' interessantíssima a *reportagem* do dito jornal miguelista que o sr. Alberto Vieira Braga transcreve. Reza assim:

O Teatro onde se executou mal podia conter em si a grandeza do Principe e a imensidade de pessoas da nobreza da Vila, de um e outro sexo que em mui adornados camarotes servia ao decôro e à pompa do espectáculo.»

Principiou essa teatrada miguelista, por um *elogio dramático—O Amor do Rei e da Patria—que dificilmente o entusiasmo pôde ouvir, sem o interromper. Seguiu-se a memória e trágica representação dos trabalhos sofridos na conquista de Jerusalém pelos Cruzados, e por Guido de Luzignan, seu chefe e a tragédia intitulada—Zaira—em que se mostra bem quanto zela Deus a sua religião e como pune os ultrajes e as infidelidades contra ela cometidos.*

E todo êsse formidando espectáculo terminou no dia seguinte por uma farsa assim intitulada—*Talhado está o bocado para quem o há-de comer!...*

* * *

Seduziu-me o cómico da narrativa das festa miguelinas, que, no entanto, àparte o fatídico título da farsa, deve fazer as delícias dos neo-miguelistas, e prejudiquei com isso a notícia bibliográfica que bem desejava tornar mais completa e que tenho de encurtar e encerrar.

Que m'o perdôe o meu excelente amigo, autor do *Teatro Vimaranense* e das *Curiosidades de Guimarãis*.

Espero ter ocasião de lhe demonstrar, ainda, o muito que o admiro pela originalidade desta sua valiosíssima série de publicações àcêrca do passado, festas, costumes, usos e tradições da nobre cidade, sua terra natal, que, com êstes trabalhos mantem honrosamente o seu timbre de bêrço de eruditos e pátria de distintos escritores.

Calendários

—o—

O sr. João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, produtor e fabricante dos *Pimentões Flôr do Pereiro*, ofereceu-nos dois calendários de parede: um de rèclamo aos referidos pimentões que, na côr, deixam a perder de vista os célebres tomates da Junta Autónoma, de fatídica memória; e o outro a reclamar o *papel sem fim* para fazer cigarros, muito apreciado por bastantes fumadores.

Agradecemos.

Entre amigas

—Noto que tens muito melhor cabelo!

—E sabes a quem devo êste milagre? Ao Tónico Rejuvenescedor do cabelo.

—Sim!? E quem é o autor ou autora dessa preciosidade?

—E' *Madame Gaby*. E como sabes todos os produtos desta marca são uma maravilha.

Agremiações locais

Mais resultados de eleições realizadas ùltimamente:

Club Mário Duarte

ASSEMBLEIA GERAL

Efectivos

Presidente, tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira; *1.º secretário*, cap. Adriano de Carvalho; *2.º*, Américo Carlos Gomes Teixeira

Substitutos

Presidente, dr. Fernando Moreira; *1.º secretário*, Manuel dos Santos Ferreira; *2.º*, Elias Gamelas de Oliveira Pinto.

CONSELHO FISCAL

Efectivos

Presidente, dr. Francisco Soares; *vogais*, Luiz de Mendonça Côrte-Real e Alfredo Osório.

Substitutos

Presidente, dr. Joaquim Henriques; *vogais*, dr. Armando Simões e capitão António Rodrigues Moreira.

DIRECÇÃO

Efectivos

Presidente, dr. Francisco Ferreira Neves; *secretário*, tenente Gumerzindo da Silva; *tesoureiro*, António Osório; *vogais*, dr. Pedro de Almeida Gonçalves e Antero Simões Pina.

Substitutos

Presidente, dr. Victorino Simões Cardoso; *secretário*, dr. Gabriel Faria; *tesoureiro*, Pedro Colares Pinto; *vogais*, António Pissarra e tenente Campos de Almeida.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

ARTE

A exposição de pintura de Manuel Tavares, no Salão Silva Porto

Ainda sôbre os seus últimos trabalhos em aguarela, que há pouco expôs, recortamos duma correspondência da invicta cidade para a *Voz*, de Lisboa:

Por mais uma vez não nos enganaram os vaticínios que formulámos na semana última, quando anunciámos os trabalhos dêste brilhantíssimo pintor.

Manuel Tavares, sendo um novo, é já uma figura marcante no meio dos pintores da nossa terra. E já um outro camarada ilustre—que não eu—observou, diante daquele quadro *Cais dos Botirões*, em Aveiro, que entre os seus trabalhos e os do grande aguarelista Alberto de Sousa existe uma quási perfeita analogia.

Com efeito, o artista que deve encerrar a sua exposição na próxima terça-feira, 10 do corrente, revelou extraordinários progressos e uma faceta muito curiosa, inteiramente nova—qual seja a de se ter dedicado com proficiência notável ao género da «marinha» aonde nos apresenta encantadores trabalhos.

Assim, o *Nevoeiro na Costa Nova* junto a Aveiro; a *Chuva na Pateira* em Fermentelos; a *Tarde Tristonha* e a *Tempestade Próxima* demonstram-nos uma adaptação profunda a êste género de pintura que, até aos nossos dias e na geração nova, só Eduarda Lapa superiormente concebeu e realizou.

E' absolutamente aproveitável para os cultores da pintura uma visita a esta exposição.

De resto—conforme já tivemos ocasição de observar em crónicas antecedentes—a obra de Manuel Tavares está profundamente ligada aos aspectos flagrantes da vida interessantíssima do velho Porto.

Assim nos aparece aquela *Ilha dos Trinta*, a dois passos do velho Paço Episcopal que nos fala do grande amor com que o artista repara nos detalhes pitorescos e históricos da capital do Norte.

Não queremos encerrar esta modestíssima crónica sem mencionarmos ainda alguns outros aspectos que particularmente nos encantaram—como seja aquela *Tarde Colorida* e o *Poente nas Marinhas*, deixando em primeiro plano os dois motivos inspirados no convento de Santa Joana de Aveiro—*Recolhimento* e *Túmulo de Santa Joana*—não querendo já referir-nos a certos detalhes encantadores em que ressalta aquele primoroso *Canteiro de Malmequeres* no Parque de Aveiro.

Bayard

Manuel Tavares conta dentro em breve expôr em Coimbra e em Lisboa, para o que está trabalhando com afinco.

Se esta paisagem o encanta e seduz...

CARTA DE LISBOA

Janeiro de 1939

Maré de azar

O nosso reviralho, restos falidos de uma coisa que já se não usa, que já deu o que tinha a dar, se porventura nalgum tempo deu algo que prestasse, anda em decidida maré de azar. A ida de Chamberlain a Roma, com visita ao Papa e tudo, foi uma marretada de que tão cêdo se não refará. Nunca pensaram nisto. Julgaram sempre que a Inglaterra, de braço dado com a França, serviria o designio da luta contra os governos de força, e no final veêm da maneira mais iniludivel e eloquente que à Inglaterra o que a preocupa é a Paz da Europa — sem procurar saber que especie de governo é o dos paizes, cuja colaboração é necessária para consolidar essa paz.

A ida de Chamberlain a Roma foi o grito altissonante de que a Inglaterra não é contra o Fascismo. E isto desgosta-os, fa-los sentir que estão a perder, o mais possivel, terreno.

Depois, nos primeiros momentos do encontro do Primeiro Ministro inglês com o Duce, certas agencias ainda lhes deram umas esperanças. Mas tudo se gorara, tudo fôra por agua abaixo, como diz o povo. A Inglaterra não perdoaria ao Fascismo o fracasso e o incomodo a que tinha sugeitado dois dos seus mais representativos estadistas. Depois, porém, veio a verdade.

Chamberlain até o Papa visitára e viera com a melhor impressão do Chefe da Cristandade, a-pesar-de Pio XI ser o Sumo Pontifice da Religião Católica e o Primeiro Ministro ser um fervoroso anglicano. Alem disto, quer pelas declarações de Chamberlain, quer pelas de Mussolini, os fins a que o encontro visava tinham sido plenamente atingidos.

Das conferencias entre os dois homens de Estado tinha surgido um maior entendimento anglo-italiano. Decididamente o demo-comunismo sofrera uma forte machadada. Não mais se poderia contar com a Inglaterra, para investir com os paízes de governos fortes. E' a derrota, completa, a breve praso.

A Russia desacredita-se. Dia a dia as sucessivas derrotas em Espanha inutilisam na quási completamente. E depois disto, que hade fazer o nosso reviralho marca demo-comunista, se nem sequer pode ter a esperança de recolher a um convento, fim util de muita vida inutil?

Decididamente os homens estão com pouca sorte. Tudo se alia contra eles, como um castigo justo, que o céu não quizesse demorar.

Herois

Conhecem-se já as circunstancias em que caíram para sempre, os viriatos capitão Soares Durão e tenente Ferreira da Silva. Tombaram como herois, como verdadeiros e autenticos portuguezes.

Quem estas linhas escreve pôde conhecer o tenente João Ferreira da Silva que, aliás toda a Lisboa conhecia. Naquele ar aperaltado de rapazinho com galões, que mais parecia viver para a preocupação elegante da sua farda bem talhada que para a dureza do seu oficio, escondia-se um autentico heroe, daqueles que não sabem virar o rosto ao perigo, não sabem fugir, nem tão pouco viram alguma vez a estatura do mêdo.

Para os que o conheciam, a petulancia do seu monoculo, quasi parecia um disfarce da sua valentia.

E não se pense que escrevemos isto só porque Ferreira da Silva tombou agora, como só os herois acabam.

Ainda a guerra de Espanha não éra sonho que alucinasse quem quer que fôsse e já Ferreira da Silva pouco mais que garoto, com o seu galão estreito de alferes, se portava como um valente.

Um dia, Lisboa, já após o 28 de Maio, sofrera os horrores de mais uma desordem desencadeada pelos que não queriam subordinar-se á farda do seu predominio. Vieram tropas revolucionarias para a rua e o quartel a que pertencia João Ferreira da Silva foi cercado. Era preciso que os sitiados ou se defendessem ou se rendessem.

A rendição era o facto com a desordem. Mas o combate contra forças muitas vezes superiores e o grande risco, perigo em que pensavam, não pouco, alguns que se lembravam das familias, dos lares, dos filhos que uma bala mais traiçoeira podia encher de luto e de desgraça.

Ferreira do Silva era de todos os oficiais o mais novo, aquele que mais direito tinha a defender a vida, a viver a sua mocidade estuante. Não esperou que ninguem se lembrasse dele para o posto mais arriscado, para dirigir e comandar a defesa do quartel ameaçado. Ele proprio se ofereceu E com meia duzia de soldados, encorajando-os, com o seu monoculo petulante que ele não largava, na trincheira como no Chiado—tal qual como Anibal de Azevedo, outro heroe que se cansou de viver—o bravo alferes, depois dumas horas de combate, punha em debandada os atacantes,

Onde havia perigo, Ferreira da Silva comparecia sempre, surgia sempre no momento proprio.

Não suportava a vida burocratizada das repartições militares. Não entendia que o dolman com galões pudesse servir de manga de alpaca.

Quando rebentou a guerra de Espanha, quando viu que a causa dos nacionalistas tinha de ser, tambem, a causa de Portugal, porque era a da Civilisação, a da Ordem e a da Paz, o moço oficial alistou-se, foi para a guerra, por lá lidou como um heroe até que caiu quando á frente dos seus soldados acorria em auxilio do seu camarada Soares Durão, em perigo de vida e tambem tombado para sempre na luta em que nem o *panache* admiravel do seu compatriota e companheiro conseguiu salva-lo.

E' grande já a contribuição dada, em vidas e heroismo por Portugal á Causa da Civilisação que se debate no chão ensanguentado da terra espanhola.

Mas se outras páginas admiraveis não estivessem escritas com o sangue da gente lusa, bastavam as mortes de herois como Soares Durão e Ferreira da Silva para que Portugal se tivesse imposto definitivamente á consideração de quantos querem que a Civilisação ocidental triunfe nesta luta sem quartel, nem descanso com a barbaria.

A voz da Justiça

Com o julgamento no Tribunal Militar de Santa Clara prestaram contas definitivas á Justiça os homens que, movidos pela paixão que cega, pelo odio que dementa, quizeram um dia lançar sobre Portugal a pior das desgraças tal qual seria a morte de Salazar, miseravelmente preparada por eles na sombra, nos escaninhos torpes das alfurjas, caminho das toupeiras.

Felizmente quiz Deus salvar Salazar e com Salazar, Portugal.

O crime hediondo foi ha pouco julgado. E então viu-se esta coisa espantosa que noutro tempo e em indenticas circunstancias não teria sido possivel: o Estado Novo, que quasi tinha direito de condenar sem julgamento os homens que todas as investigações tinham apontado como criminosos, leva-os á barra do Tribunal e aí dá-

lhes toda a possibilidade de defeza, o mais amplo e lato direito de se desculparem! E o Tribunal não julga de animo leve, não cosinha, apressadamente, uma sentença, igual para todos; mas, ao invés, destrinça responsabilidades, procura, com interesse, achar a verdadeira culpabilidade de cada um dos reus, e só profere a sentença após uma extenuante reunião de onze horas, em que todos os prós e todos os contras, foram justamente ponderados, tidos na devida consideração.

Aos homens que tinham agido por odio e por paixão responde o Tribunal com Justiça, Justiça inteira, e só Justiça.

Contraste flagrante este, que a muitos deve ter dado que pensar e meditar.

Uma nomeação

O sr. ministro da Educação Nacional reconduziu na Presidencia da Junta Nacional da Educação, o antigo ministro da Instrução Publica, snr. prof. Dr. Gustavo Cordeiro Ramos.

Trata-se duma decisão que só honra o sr. dr. Carneiro Pacheco e vem pôr, mais uma vez, em relêvo o muito cuidado com que o ilustre homem de Estado escolhe os seus mais intimos colaboradores.

E' que o sr. Dr. Cordeiro Ramos é das mais eminentes figuras do Estado Novo, daqueles que melhor tem sabido servir o pensamento renovador da Revolução Nacional.

Cuidando da Juventude

A Assembleia Nacional tem discutido com o maior interesse o projecto de lei da sr.ª Dr.ª D. Domitila de Carvalho sôbre a assistencia de menores a espectaculos publicos, de cinema e teatro.

Estamos perante mais uma medida de profilaxia moral com que se pretende preservar a mocidade de muitos erros e males. E o Estado Novo, que põe na educação da Juventude o maior interesse, não podia, de facto, esquecê-la.

Melhoramentos

A Camara Municipal de Lisboa votou, agora, para melhoramentos na capital, durante o corrente ano, a importante verba de 100.000 contos.

Nunca a nossa primeira cidade dispoz de tamanha soma para o seu embelezamento, para as suas necessidades. Mas, nunca, tambem, Lisboa foi governada com o acêrto e interesse com que o tem sido, depois da Revolução Nacional.

A. Z.

PARA A HISTÓRIA DO BISPADO

O embaixador Alberto de Oliveira, tendo escrito na *Soberania do Povo*, de Agueda, um artigo em que atribue ao sr. D. João de Lima Vidal a parte máxima do trabalho com a restauração da diocese de Aveiro, acrescenta:

Logo a seguir ao nome consagrado do venerando arcebispo deve Aveiro inscrever o do Senhor Núncio Apostólico junto do nosso Govêrno, Monsenhor Pietro Ciriaci, Arcebispo de Tarso, figura eminente da diplomacia pontifica e fervoroso e habilissimo advogado, em Roma, das aspirações aveirenses. A tal respeito posso e devo deixar nestas linhas o meu depoimento consciencioso.

Em 1935, achando-me então á testa da Legação na Santa Sé, fui instado por alguns queridos amigos, entre os quais nomearei o Conselheiro Luiz de Magalhães e o dr. António Homem de Melo, para patrocinar quanto possível, em Roma, a questão, e para me informar exactamente do seu andamento.

Fiz diligencias calorosas, mas oficiosas,—nem outras me era dado fazer no regime de separação vigente entre a Igreja e o Estado—e delas resultou para mim a persuasão de que as favoraveis e benevolas disposições do Vaticano mal ocultavam o receio de que não pudessem ser reunidos e assegurados os meios materiais e morais indispensaveis para dar á nova diocese vida folgada e independente, e sólida estrutura nos seus diversos elementos—cabido, seminário e clero,

Ora dessas condições fazia Roma depender, como faz sempre, a sua adesão. E não creio que as informações que sobre esse ponto recebia de Portugal fôssem todas optimistas.

Foi então que me ocorreu chamar para tão interessante assunto a atenção do Nuncio em Lisboa, a quem me ligavam já relações cordeais, e cuja alta inteligencia, actividade e senso prático me eram conhecidos. Expus-lhe o melhor que soube os méritos da tése e a qualidade dos seus defensores; pedi-lhe que se informasse por si próprio, que fôsse em pessoa, se tanto fôsse preciso, testemunhar a importancia da região aveirense, a justiça que lhe assistia em reivindicar uma categoria que já tivera, os beneficios que do facto resultariam para a Igreja e para os fieis. Monsenhor Ciriaci assim no prometeu e assim procedeu.

Não se contentou o cultissimo representante diplomatico do Santo Padre em estudar a fundo a questão. Empenhou-se não menos em lhe remover as dificuldades, algumas das quais eram de pêso, e traçou com mão de mestre o dificil mapa da nova diocese, que vai englobar maior numero de fréguesias que a sua predecessora, cada qual delimitada com prévio conhecimento dos seus interesses e necessidades.

O relatorio expedido á Santa Sé foi assim um trabalho completo, documentado, exequivel, no estilo e tipo dos que Roma está habituada a reclamar dos seus agentes. Desde então a partida estava ganha. E dificil nos será crer que na propria escolha do Administrador Apostolico, *unico* idoneo para a solução dos problemas que suscita a instalação do bispado, não tenha intervindo o superior criterio do Senhor Nuncio. O sr. D. João Evangelista é *persona gratissima* no Vaticano; mas as funções missionarias que lhe estão confiadas são ali tidas em tanta conta que só com sacrificio se terá concordado em desviar delas uma parcela de tempo e actividade do prestigioso arcebispo.

Que Aveiro inscreva, pois, entre os seus bemfeitores, o nome do Senhor Nuncio Apostolico; que não ignore os relevantes serviços que lhe deve, nem deixe de acompanhar, de futuro, com carinhoso interesse, os passos, que hão-de ser triunfais, da sua carreira diplomatica e eclesiastica. Monsenhor Ciriaci é um dos Nuncios de màior capacidade e talento de que hoje dispõe o Vaticano. A sua posição, em Roma, é a que lhe é devida. Um dia saírá de Lisboa, como lhe cabe, para envergar a purpura cardinalicia; e nem é preciso ser profeta para estar certo de que essa altissima investidura lhe trará novas ocasiões de atestar os seus merecimentos e virtudes e de servir ainda mais activa e eficazmente a Igreja.

Chico! O' Chico! Rico Chico: apara lá êste pião à unha!

As coisas passaram-se assim e não como as descreveste para aparentares uma importância que não tens.

A verdade é só uma.

Não fazes nada, só enrodilhas, e queres passar por um grande da terra!

Tem paciência, mas isso brada aos céus.

Aveiro há-de, hoje e sempre, distinguir o bom do mau, não indo, por isso, facilmente, no bote..

Vês quanto pesas, Chico!

"Café Aveiro„

—o—

Respigamos do último número da *Aurora do Lima*, de Viana do Castelo:

Na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, no belo prédio pertencente ao funcionário colonial, sr. Filipe de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, vai abrir, brevemente, um novo e luxuoso Café, sob a direcção dos srs. Américo Pires e Manuel Duarte com a denominação de *Café Aveiro*

O pavimento todo a marmorite, executado pelos mais modernos processos, está a cargo da conceituada firma aveirense *Marmotálica*, de Ventura Pinto & C.ª e as suas decorações, assim como o mobiliário, fôram confiadas ao artista local sr. Manuel Fernandes de Sá, estando os desenhos e arranjos interiores entregues ao bom gosto e real merecimento do sr. Francisco Passos.

Esta ideia é das que mais nos sensibilizam e por isso desde já formulamos ardentes votos pela prosperidades do novo estabelecimento com que vai ser enriquecida a terra amiga do ridente Minho.

BAILE

No vasto salão do *Recreio Musical Esgueirense* deve realisar-se no dia 4 de Fevereiro uma grandiosa *soirée*, que a mocidade aguarda com interesse, devendo ali tocar, pela primeira vez, *Talábriga-Jazz*, desta cidade.

Agradecemos o convite.

Sarau de arte

=o=

Na próxima sexta-feira, 3 de Fevereiro, a professora de violino, nossa conterranea, sr.ª D. Firmina Gabriela de Miranda: realisa um sarau que deve interessar a todos os amadores de música e no qual tambem tomam parte as sr.as D. Matilde de Almeida, D. Maria Virginia Salgueiro e o sr. António José Flamengo, que recitará poesias.

Os bilhetes já se encontram à venda na Sapataria Migueis.

Necrologia

Faleceram: no bairro piscatório, Maria do Carmo Oliveira, viuva, de 87 anos e José Agostinho, casado, de 72; no *Bonsucesso*, Manuel Dias Pereira, viuvo, de 75; em *S. Bernardo*, Luisa de Jesus Calafate, solteira, de 76; em *Vilar*, Tereza de Jesus Ferreira, viuva, de 50, e no *Solposto*, Manuel de Pinho, viuvo, de 83.

Secção desportiva

Foot-Ball

Campeonato nacional da II Divisão (Beira-litoral)

—

O Beira-Mar venceu o Oliveirense, por 2-1 e isolou-se à frente do torneio

No domingo, o *Beira-Mar* triunfou merecidamente do *União D. Oliveirense* (o grupo que possui ainda o *récord* dos *goals* marcádos num desafio, 8-0 á *Naval* da Figueira da Foz) e, com essa vitória, ficou distanciado dos seus adversários, na classificação, por uma diferença de 2 pontos.

Oito dias antes, devido ao mau tempo, ficaram adiados os encontros *Naval—Beira-Mar*, *Ovarense — Oliveirense*, e *União*, de Coimbra *e Sporting*, de Pombal.

O quadro da classificação apresenta-nos o seguinte:

	J.	V.	E.	D.	F. C.	P.
Beira-Lar	2	2	0	0	3-1	4
Oliveirense	2	1	0	1	9-2	2
União	2	1	0	1	4-2	2
Ovarense	2	1	0	1	3-5	2
Pombal	2	1	0	1	4-4	2
Naval	2	0	0	2	2-11	0

A posição do *team* aveirense é merecida. Com efeito, nesta cidade o nosso grupo não deve permitir nenhum desatre.

Depois de se ter livrado da explêndida equipa de Coimbra, os aveirenses, àmanhã, hão-de conseguir também dominar, no seu campo a *A. D. Ovarense*, que ostenta o título de campeão regional.

O *Beira-Mar* subiu de forma, readquiriu confiança nas suas possibilidades e é natural que recolha uma magnífica classificação nestes campeonatos nacionais.

Quando lhe couber a vez de visitar o campo dos seus adversários, os beiramarenses, acusando sólida moral, hão-de fazer todos os possiveis para, ao menos, arrancar o empate. E não será para espantar que nunca mais larguem o invejável pôsto de *leaders*.

No domingo, o *União*, de Coimbra, ressarcio-se da derrota do *Beira-Mar*, infligindo aos ovarenses, que actuavam na sua terra, uma pesada derrota de 4-1. Pesada, atendendo a que os visitados são os actuais campeões de Aveiro.

O *Sporting*, de Pombal, venceu a *Naval*, por 3-2.

* * *

Sob a arbitragem do sr. António Passos, os grupos alinharam com os seguintes jogadores:

Beira-Mar—Vasconcelos; Amadeu e Justiça; Eduardo, Costa e Gomes; Estima, Freire, Décio, Laranjo e J. Pinho.

Oliveirense—Guimarãis; Pereira e Sebastião; Santos, A. Dias e Frias; D. Correia, A. Santos, Alípio, Meireles e Diogo.

O *Beira-Mar* dominou, por vezes intensamente, durante todo o encontro. Mas teve dificuldade em arrancar a vitória, porque os visitantes orgainsaram-se bem à defesa.

Os oliveirenses, em fugidas, quási todas levadas pelo extremo esquerdo, colocavam, amiudadas vezes, em sobressalto, os defensores locais.

Muita gente pensou que se repetia a mesma *coisa* do torneio regional.

Felizmente, os aveirenses não tiveram infelicidade e os oliveirenses não têm de queixar-se da regularidade do triunfo.

No primeiro tempo, Décio fez *goal*, aproveitando um passe inteligente de Freire. No segundo, J. Pinho, numa oportuna recarga, aumentou a vantágem do seu grupo, mas os visitantes conseguiram o ponto de honra, acto continuo, graças a uma imperdoável desatenção dos defesas contrários.

Os médios do *Beira-Mar* não tiveram trabalho de relevo. São combativos, trabalhadores, mas é preciso exigir-se-lhes mais. Eduardo acusou lentidão; Costa fraqueza na execução do passe à frente e no pronto despacho para os extremos e Gomes certa desorientação na tarefa defensiva.

Já não podemos dizer a mesma coisa dos avançados, que se mostraram diligentes e cheios de inexcedivel atenção, muito para louvar, tanto mais, que, por via dessa virtude, poderam assegurar o triunfo da equipa.

Estima está em melhor forma. J. Pinho melhorou também o bsatante para se aguardar exibições de outros tempos e Décio, ainda evidenciando pouca rapidez de movimentos, mostrou-se mais activo e certo nos passes. E' preciso que Décio, na zona de remate, não regateie esforços para pôr á prova o seu bom *shot*, passando em corrida e indo colocar-se no melhor sítio ou furando por entre os adversários para tentar a sua sorte.

Laranjo e Freire satisfizeram. A defesa cumpriu, mas há-de, no futuro, entreajudar-se de maneira a evitar alguns desgostos.

Guimarãis. Sebastião, Pereira, Alípio e Diogo foram os melhores jogadores visitantes.

A arbitragem do sr. António Passos não agradou, embora não desvirtuasse o resultado da partida. Preocupou-se exageradamente com os sinais dos juizes de linha e esqueceu-se de julgar; por isso, alguns *off-sides* e entradas à margem das leis postas em prática pelos unionistas e que depois tiveram resposta pela banda dos aveirenses.

No segundo tempo, Laranjo respondeu a uma agressão de Santos, sendo expulsos pelo árbitro.

Y.

Indústria Hoteleira

A Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Coimbra, na sua última reunião, tomou as seguintes resoluções:

Eliminar dos registos de desempregados da Agencia de Colocações todos os inscritos que exerçam outra profissão ou sejam reformados e destinou os serviços extraordinários àqueles que vivam exclusivamente da sua profissão;

Encerrou as inscrições para todos os individuos que não provem ser profissionais da Indústria Hoteleira e Similares;

Deliberou organisar no mais curto praso possivel as Secções Distritais de Leiria, Aveiro e Vizeu; e

Nomeou médico do Sindicato o ilustre clinico dr. Gualtar José Marques, com consultorio na Rua Ferreira Borges, 108-1.º, o qual, conforme contracto com a Direcção, passa a dar consultas gratuitas aos sócios e suas familias.

A "disciplina„ soviética

Se querem ter um exemplo da *disciplina* feroz que reina no *paraíso* vermelho, meditem nesta informação proveniente de Moscovo.

Todo o operário ou funcionário soviótico que chegar ao trabalho com um atrazo superior a vinte minutos é imediatamente despedido. È assim que o Conselho los comissários do povo interpreta as disposições referentes às sanções por ausência injustificada, contidas num decreto recente sôbre a discipiina no trabalho.

Este exemplo é apenas mais um a juntar aos mil que provam que o operário na U R S S não é mais do que um escravo, uma roda da engrenagem. Amor à disciplina? Incitamento à assiduidade no trabalho ? Nada disso. Apenas e simplesmente, a afirmação dum desastre: os chefes da desordem procurando impor a ordem aos seus súbditos.

EUMAREIRISMO!

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Antero Simões Pina e a inocente Maria Isabel Faias Garcia Couceiro, filha do nosso conterrâneo Eugénio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); ámanhã os snr. Manuel José da Costa Guimarães e tenente Jaime Sabino, da Guarda Nacional Republicana; no dia 30, a sr.ª D. Emilia Augusta dos Reis Ferreira, esposa do sr. Jeremias Vicente Ferreira, e o sr. dr. José Pereira Tavares, vice-reitor do Liceu de José Estêvão; em 31, a sr.ª D. Arminda de Pinho Carvalho, esposa do sr. Carlos Branco de Carvalho; a simpática tricaninha Maria da Apresentação Taborda; o sr. Filipe Monteiro, 1.º sargento de Infantaria 19, e o menino Luiz Fernando, filho do sr. Luiz Manuel Rodrigues, residente em Lisboa; em 2 de Fevereiro, a sr.ª D. Maria Otilia S. Rocha, de Eixo, e o sr. padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira; e em 3, o nosso bom amigo Gervásio Aleluia, da acreditada Fábrica Aleluia, *e o sr. dr. Fernando Moreira, digno conservador do Registo Civil.*

Casamentos

Na catedral de S. Domingos realizou se ante ontem o consórcio da menina Benilde de Almeida Jesus com o sr. Telmo da Graça e Melo, empregado dos correios.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. comandante Silvério da Rocha e Cunha e sua filha, a sr.ª D. Candida Virginia Fernanda Pinto da Rocha e Cunha e pelo noivo o sr. José de Pinho e esposa.

Finda a cerimónia foi servido um copo de água, e os nubentes, a quem desejamos muitas felicidades, partirum para o Porto a passar a lua de mel.

Partidas e Chegadas

Com o seu inseparável bandolim *seguiu, de novo, para o Rio Grande do Sul (E. U. do Brasil) o sr. Albano Gonçalves de Oliveira, que à sua casa de S. Tiago veio passar uma temporada.*

Feliz viagem.

—De regresso da Alemanha chegou ao Porto o nosso conterrâneo e amigo Nuno Meireles.

Doentes

Experimentou algumas melhoras, continuando, porém, retido em casa, o sr. Firmino Fernandes, 1.º comandante dos Bombeiros Voluntários.

"O Democrata„

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal, ano	20$00
Semestre	10$00
Colonias, ano.	30$00
Brasil e Estrangeiro	40$00
Numero avulso	$40

O TEMPO

Previsões de 29 de Janeiro a 4 de Fevereiro

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Continua a subida barométrica, iniciando em 1 a descida.

Datas de novos ciclones—Em 29 e em 1.

Movimentos mais sensiveis no campo de pressão—Em 29 e em 1.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente, por vezes, com tendência para chover e ventoso.

Tempo no estranjeiro — Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, Mar Negro e Filipinas.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Tendência para descer de 2 a 5.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: em 31 e em 4.

Setúbal, 25 de Janeiro de 1939.

A. CARVALHO SERRA

Regimento de Cavalaria n.º 8

Anúncio

O Conselho Administrativo déste Regimento faz público que no dia 2 do próximo mês de Fevereiro, pelas 14 horas, na parada do quartel, proceder-se-á à venda de um solípede do Regimento julgado incapaz do serviço do Exército.

Quartel em Aveiro, 25 de Janeiro de 1939.

O Secretário,
António Pedro Carretas
Alferes

Venda de mobiliário escolar

No próximo dia 29 do corrente, pelas 15 horas, realiza-se na casa do antigo Colégio Nacional, da Avenida Artur Ravara, a venda no mobiliário escolar que pertenceu àquêle Colégio: carteiras, secretárias, lousas, mapas, camas, cómodas, mobilia de sala de jantar, etc.

Correspondencias

Quintans, 26

Faleceu no Cantinho o velho lavrador Manuel da Cruz Maia, que teve um funeral bastante concorrido, a-pezar-da chuva.

Levou música e antes do corpo baixar à terra, no cemitério da Oliveirinha, foi responsado na respectiva igreja.

Era pai do nosso amigo Carlos da Cruz Maia, a quem damos os sentimentos.

C.

Oliveirinha, 26

Na última feira dos 21 e quando se preparava para tomar uma refeição, morreu sùbitamente o negociante da Branca, Albergaria-a-Velha, José Henriques Ferreira, cujo cadáver foi transportado para aquela freguesia depois de cumpridas tôdas as formalidades legais.

Era casado e tinha 71 anos.

C.

Esgueira, 26

Com 75 anos finou se, terça-feira, Maria Rosa de Jesus, cujo funeral foi bastante concorrido.

Aos doridos, os nossos pêsames.

—Deu à luz um menino a esposa do nosso amigo Luis de Pinho. Mãi e filho estão bem.

—No *Recreio Musical* realiza-se no próximo sábado outro baile, abrilhantado pelo *Lucifer-Jazz*, da Mamarrosa.

C.

Verdemilho, 25

Realizou-se no último sábado a eleição dos novos corpos gerentes do *Club Recreativo Verdemilhense*, dando o seguinte resultado:

ASSEMBLEIA GERAL

Efectivos

Presidente, dr. Ernesto Paiva; *1.º secretário*, Paulo Marabuto; *2.º*, António dos Santos Madaíl.

Substitutos

Presidente, Alberto Rafeiro; *1.º secretário*, Reinaldo Canha; *2.º*, Manuel Correia.

CONSELHO FISCAL

Efectivos

Presidente, dr. Amadeu Tavares; *vogais*, João Simões Paixão e Armando Monteiro.

Substitutos

Presidente, João Maria Nunes; *vogais*, Isaias Ferreira Borralho e Ernesto Ferreira Dias.

DIRECÇÃO

Efectivos

Presidente, Manuel Simões Maia do Miguel; *secretário*, Belarmino Martinho; *tesoureiro*, João Maria de Oliveira; *vogais*, Manuel Nunes de Paiva, Manuel Marques da Silva e Manuel Simões Sarrico.

Substitutos

Presidente, António Bartolomeu Ramos; *secretário*, Joaquim Deus; *tesoureiro*, António Neto; *vogais*, Manuel Deus, José Vieira e António Bartolomeu Novo.

C.

Vêr a 4.ª página

O *Democrata* vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,23	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	10,15
13,45	18,21
18,38	22,54

Comarca de Aveiro

—:—

Anúncio

1.ª publicação

Por este Juizo e segunda Secção, primeira Vara, e nos autos de execução hipotecaria que João Mateus Junior, e mulher Rosa da Luz Braz, ele marnoto e ela domestica, ambos de Aveiro, movem contra Joaquim Lopes dos Santos, trabalhador, casado segundo o regimen de separação de bens, de Aveiro, mas agora ausente na America do Norte, vai á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua respectiva avaliação, no dia 12 de Fevereiro proximo, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito á Praça da Republica em Aveiro, o seguinte prédio pertencente e penhorado ao executado:

Uma casa terrea de primeiro andar com seu quintal e mais pertenças, sita na Rua do Vento, desta cidade e freguesia da Vera-Cruz, avaliada em quinze mil escudos.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1939.

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Ferreira

Comarca de Aveiro

=o=

Anúncio

1.ª publicação

Por este Juizo, segunda Secção da primeira Vara e nos autos de execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Manuel dos Santos ou Manuel Ribeiro, o *Miudo*, casado, agricultor, das Vergas, por apenso ao processo de querela, que lhe moveu o Ministerio Publico, vão á praça, pela segunda vez, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima de metade das suas respectivas avaliações, no dia 12 de Fevereiro proximo, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito á Praça da República em Aveiro, os seguintes predios pertencentes e penhorados ao executado:

Uma terça parte de um terreno a mato, sito na Lombada ou Chasqueiro, limite do Ervidal, freguesia de Vagos, avaliada em quarenta escudos, e

Uma terça parte de um terreno baldio, sito em Sanchequias, avaliada em vinte e cinco escudos.

Pelo presente são citados os credores incertos, e bem assim os comproprietarios, Claudino Ramos, casado, ausente em parte incerta do estrangeiro e Joaquim dos Santos, casado, auzen e também em parte incerta do Brazil, para naquela qualidade, deduzirem os seus direitos, querendo, no acto da praça.

Aveiro, 16 de Janeiro de 1939.

O Chefe da 2.ª Secção

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Ferreira

A FECHAR

—Então porque não vieste ontem á escola!

—Porque estava com muita febre e passei o dia na cama.

—E's mentiroso. Seriam 11 horas e viram-te ir a correr pela rua.

—Ah! sr. professor: foi minha mãi que, ao ver-me tão malzinho, me mandou a tôda a pressa chamar o médido. Como não temos creada...